

## Indústria de Alimentos

**Fernando Luiz E. Viana**

Engenheiro Civil. Mestre em Engenharia de Produção. Doutor em Administração.  
Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE/BNB.

**Resumo:** a indústria de alimentos possui grande importância na indústria de transformação, na participação no PIB e na geração de empregos, importância esta que é ainda maior no Nordeste, em comparação com o agregado nacional. O valor das vendas globais no varejo da indústria de alimentos embalados cresceu 4,6% em 2021, mesmo crescimento registrado no ano anterior. As regras de isolamento social impostas pela pandemia da Covid-19 resultaram em aumento das vendas no varejo, a despeito da queda nas vendas em restaurantes, lanchonetes e similares. O caráter de essencialidade dos alimentos resultou nesse bom desempenho, mesmo com o advento da pandemia. Entretanto, a margem de crescimento tem sido limitada pela inflação, que tem atingido fortemente os produtos alimentícios. No Brasil, houve queda de 8,3% no valor real das vendas em 2021, apesar do crescimento nominal de 16,9%. As empresas do setor precisam estar atentas a algumas tendências associadas aos produtos alimentícios embalados, algumas das quais foram aceleradas a partir da pandemia da Covid-19. Apesar de haver uma perspectiva positiva para o desempenho do setor em 2022, por parte das empresas, permanecem algumas preocupações importantes para a indústria de alimentos brasileira, especialmente no que diz respeito aos impactos da inflação e às mudanças na regulação relativa à rotulagem nutricional de alimentos embalados, que entrará em vigor em outubro/2022. Nesse sentido, os investimentos e financiamentos devem ser direcionados para a fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, e que estejam alinhados às tendências do mercado consumidor de produtos alimentícios, bem como às adaptações necessárias ao alinhamento dos produtos e processos às novas normas regulatórias.

**Palavras-chave:** Indústria de Alimentos; Alimentos Embalados; Perspectivas.

### ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Kamilla Ribas Soares, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Naate Maia Muniz e Vicente Anibal da Silva Neto (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: [etene@bnb.gov.br](mailto:etene@bnb.gov.br)

**Aviso Legal:** O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; [bancodonordeste.gov.br](http://bancodonordeste.gov.br)

## 1 Contextualização

A indústria de alimentos constitui um dos setores da indústria de transformação que abrange a maior quantidade de grupos e, por conta disso, apresenta certa heterogeneidade de características entre os grupos. Devido a essa heterogeneidade e às especificidades de alguns grupos, esta análise contextualiza o cenário de toda a indústria de alimentos, entretanto, traz detalhes mais específicos das atividades que compõem os seguintes grupos da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE): 10.3 (Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais), 10.4 (Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais), 10.5 (Laticínios), 10.6 (Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais), 10.8 (Torrefação e moagem de café) e 10.9 (Fabricação de outros produtos alimentícios). Os demais grupos serão contemplados por análises específicas.

A indústria de alimentos engloba grande diversidade de produtos, possuindo forte inter-relação com a agricultura e a pecuária, tendo em vista que esses setores constituem os fornecedores dos principais insumos utilizados nessa indústria. Devido aos insumos utilizados a partir da agropecuária, a indústria de alimentos possui sazonalidade da produção vinculada à sazonalidade da oferta de seus insumos. Além das relações com a agropecuária, a indústria de alimentos estabelece, assim como outros setores da indústria de transformação, relações com canais de distribuição, indústrias de embalagens, máquinas e equipamentos, entre outras.

A indústria de alimentos possui grande importância na indústria de transformação, na participação no PIB e na geração de empregos. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Alimentação – ABIA (2022a), a indústria de alimentação brasileira (alimentos + bebidas) faturou, em 2021, R\$ 922,6 bilhões, o que é equivalente a 10,6% do PIB brasileiro daquele ano. Com isso, o crescimento nominal do setor em relação a 2020 foi de 16,9%. Entretanto, descontada a inflação do período, a indústria de alimentação obteve queda de 8,3% nas vendas reais em 2021 (ABIA, 2022a).

Em termos mundiais, a indústria de alimentos também tem importância significativa em diferentes países e, por conta dessa importância, é cada vez maior a presença de *players* globais nos principais mercados, empresas que têm buscado aumentar sua participação no mercado por meio de fusões e aquisições. Nos últimos anos, o setor tem mantido crescimento nas vendas, mas em níveis relativamente baixos. O valor das vendas globais no varejo da indústria de alimentos embalados cresceu 4,6% em 2021, mesmo crescimento registrado no ano anterior. As regras de isolamento social impostas pela pandemia da Covid-19 resultaram em aumento das vendas no varejo, a despeito da queda nas vendas em restaurantes, lanchonetes e similares. O caráter de essencialidade dos alimentos resultou nesse bom desempenho, mesmo com o advento da pandemia. Entretanto, a margem de crescimento tem sido limitada pela inflação, que tem atingido fortemente os produtos alimentícios. No Brasil, em que houve queda no valor real das vendas em 2021, conforme supracitado, a inflação relativa aos produtos alimentícios para consumo nas residências, calculada pelo IBGE, foi de 18,2% em 2020 e 8,2% em 2021, com forte impacto no poder de compra das famílias, especialmente as de menor renda, tendo em vista que produtos da cesta básica (arroz, feijão, pão, óleo de soja) estão entre os que têm tido maiores aumentos de preços. A guerra entre Rússia e Ucrânia vem agravando o cenário da inflação para produtos alimentícios em 2022.

Nos últimos anos tem havido uma mudança no que os consumidores estão gastando, que sinalizam algumas tendências (conforme será discutido adiante), com impactos na evolução da participação das diferentes empresas no mercado. A pandemia da Covid-19 tem sido um importante direcionador dessas tendências, acelerando algumas e modificando outras. Historicamente, os consumidores tomam decisões de compra com base em sabor, preço e conveniência, conhecidos como “fatores tradicionais” na decisão de compra de produtos alimentícios. Entretanto, atualmente os consumidores têm dado maior peso a outros fatores na sua decisão de compra, o que traz novos desafios e oportunidades para a indústria de alimentos. Entre esses novos fatores, destacam-se saúde e bem-estar (alimentos baseados em plantas, alimentos funcionais), busca por canais alternativos de compras que trazem comodidade (comércio eletrônico), e valorização da sustentabilidade e aspectos éticos (valorização de marcas com propósito). No caso específico da valorização da sustentabilidade, a pandemia

da Covid-19 trouxe uma maior valorização, por parte dos consumidores, de produtos que de alguma forma contribuam mais para questões sociais, tais como o apoio a comunidades locais e a prática de comércio justo (*fair trade*).

Apesar de o mercado brasileiro apresentar algumas particularidades em comparação com os mercados dos países desenvolvidos, bem como manter certa heterogeneidade entre as diferentes regiões do País, entende-se que as empresas que atuam no Brasil devem atentar às tendências observadas no mercado internacional, especialmente porque diversas empresas multinacionais do setor alimentício com origem em outros países atuam no Brasil. Além disso, algumas empresas com capital nacional, pertencentes à indústria de alimentos, possuem forte viés de internacionalização, com importantes mercados localizados fora do País.

O mercado brasileiro de alimentos é grande e complexo, com dinâmicas divergentes entre os diferentes segmentos. Apesar de o mercado brasileiro de alimentos ser muito fragmentado, empresas multinacionais estão entre aquelas que dominam o mercado de produtos alimentícios embalados no País, tais como Nestlé, Groupe Lactalis, Mondelez Internacional, Groupe Danone, PepsiCo, Unilever, Kraft Heinz, entre outras. Entre as empresas brasileiras, quem aparece mais bem posicionada nesse mercado é o grupo cearense M Dias Branco, que detinha, em 2020, 34% de participação no mercado de biscoitos e 33,3% no mercado de massas.

Para lidar com a dificuldade de participação no mercado e manutenção das margens em um mercado tão competitivo como o brasileiro, com restrições em termos de renda disponível dos consumidores, essas empresas têm adotado estratégias tais como a introdução de novos materiais de embalagem, investimentos em campanhas de marketing, modernização tecnológica dos processos de produção, maior eficiência de gestão e, mais recentemente, especialmente a partir do advento da pandemia da Covid-19, maior investimento no comércio eletrônico e canais de distribuição alternativos. A seção seguinte apresenta o desempenho recente da indústria de alimentos no Brasil

## 2 Desempenho Recente

### 2.1 Produção e Vendas

Com relação à produção da indústria brasileira, os dados do IBGE (2022a, 2022b) referentes ao período 2017-2021 mostram um crescimento contínuo, embora em níveis baixos, na produção da indústria de alimentos (em toneladas) entre 2017 e 2020 (Tabela 1), seguido de queda em 2021. No período analisado, o crescimento acumulado foi de apenas 0,4%.

**Tabela 1 – Evolução da produção (em toneladas)<sup>1</sup> da indústria de alimentos brasileira: 2017-2021**

CLASSE CNAE	2017	2018	2019	2020	2021
Fabricação de conservas de frutas	2.856.973	2.745.696	3.065.190	3.193.928	2.932.026
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	914.142	1.056.210	1.017.239	1.059.963	973.046
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes (mil litros)	3.586.602	3.818.301	3.925.956	4.090.846	3.755.397
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	35.542.922	34.712.307	37.036.126	38.591.643	35.427.128
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	4.325.763	4.511.899	6.208.699	6.469.464	5.938.968
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	1.605.244	1.835.383	1.662.726	1.732.560	1.590.491
Preparação do leite (Mil litros)	9.504.997	9.755.539	9.231.759	9.619.493	8.830.694
Fabricação de laticínios (Toneladas)	6.099.213	6.136.088	5.983.301	6.234.600	5.723.363
Fabricação de laticínios (Mil litros)	1.389.476	1.338.480	1.390.586	1.448.991	1.330.173
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	467.854	396.040	447.588	466.387	428.143
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	7.854.053	7.864.942	8.230.797	8.576.490	7.873.218
Moagem de trigo e fabricação de derivados	11.552.485	12.360.435	13.095.076	13.645.069	12.526.174

CLASSE CNAE	2017	2018	2019	2020	2021
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	225.750	261.851	199.184	207.550	190.531
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	2.996.036	3.352.171	3.666.821	3.820.827	3.507.520
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	3.084.947	2.756.638	3.173.155	3.306.428	3.035.300
Fabricação de alimentos para animais	35.262.975	34.013.480	34.931.456	36.398.577	33.413.894
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	322.243	556.460	488.572	509.092	467.346
Torrefação e moagem de café	772.874	785.383	762.861	794.901	729.719
Fabricação de produtos à base de café	144.511	126.337	105.634	110.071	101.045
Fabricação de produtos de panificação	1.829.574	1.883.205	2.030.450	2.115.729	1.942.239
Fabricação de biscoitos e bolachas	1.917.444	2.148.190	1.907.044	1.987.140	1.824.194
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	1.692.807	1.714.877	1.681.510	1.752.134	1.608.459
Fabricação de massas alimentícias	1.982.824	2.013.885	1.903.083	1.983.012	1.820.405
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos (Toneladas)	1.392.496	1.288.795	1.328.812	1.384.623	1.271.084
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos (Mil Litros)	28.999	41.354	32.707	34.081	31.286
Fabricação de alimentos e pratos prontos	201.174	234.353	256.733	267.516	245.580
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Toneladas)	4.436.660	4.732.027	4.673.958	4.870.264	4.470.903
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Mil litros)	445.817	489.046	527.496	549.651	504.579
<b>Total em Toneladas</b>	<b>127.480.964</b>	<b>127.486.651</b>	<b>133.856.016</b>	<b>139.477.968</b>	<b>128.040.775</b>
<b>Total em Milhares de Litros</b>	<b>14.926.892</b>	<b>15.401.366</b>	<b>15.075.797</b>	<b>15.708.980</b>	<b>14.420.844</b>

Fonte: IBGE (2022a, 2022b)<sup>2</sup>. Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) Algumas classes possuem produtos quantificados em milhares de litros, as quais são indicadas na tabela.

(2) Dados de 2017 a 2019 da PIA Produto. Dados de 2020 e 2021: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

Entre as classes de alimentos que mais cresceram a produção no período, destacam-se a fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho (37%), moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente (45%) e fabricação de alimentos e pratos prontos (22%). A produção de alimentos medida em milhares de litros, que abrange primordialmente a preparação do leite e a fabricação de alguns laticínios, apresentou queda, de 3,4%.

No que diz respeito às quantidades vendidas, os dados do IBGE mostram um cenário (Tabela 2) semelhante ao observado para a produção.

**Tabela 2 – Evolução das quantidades vendidas (em toneladas)<sup>1</sup> da indústria de alimentos brasileira: 2017-2021**

CLASSE CNAE	2017	2018	2019	2020	2021
Fabricação de conservas de frutas	2.654.197	2.567.435	2.828.958	2.947.775	2.706.057
Fabricação de conservas de legumes e outros vegetais	872.750	1.048.663	1.061.525	1.106.109	1.015.408
Fabricação de sucos de frutas, hortaliças e legumes (Mil litros)	2.761.689	3.165.547	3.139.526	3.271.386	3.003.133
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	29.188.419	28.825.492	31.646.035	32.975.169	30.271.205
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	2.970.307	3.242.232	2.988.799	3.114.329	2.858.954
Fabricação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos não comestíveis de animais	1.023.750	1.161.832	1.172.130	1.221.359	1.121.208
Preparação do leite (Mil litros)	7.755.097	7.742.151	7.551.019	7.868.162	7.222.973
Fabricação de laticínios (Toneladas)	1.221.739	1.216.411	1.261.664	1.314.654	1.206.852
Fabricação de laticínios (Mil litros)	4.105.636	4.239.157	4.133.131	4.306.723	3.953.572
Fabricação de sorvetes e outros gelados comestíveis	452.019	358.251	430.725	448.815	412.013
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	7.494.804	7.494.889	7.705.352	8.028.977	7.370.601
Moagem de trigo e fabricação de derivados	9.722.592	10.181.854	10.317.205	10.750.528	9.868.984

CLASSE CNAE	2017	2018	2019	2020	2021
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	186.668	209.380	185.501	193.292	177.442
Fabricação de farinha de milho e derivados, exceto óleos de milho	2.742.519	3.167.131	3.374.156	3.515.871	3.227.569
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e de óleos de milho	2.767.522	2.396.934	2.812.786	2.930.923	2.690.587
Fabricação de alimentos para animais	11.504.628	12.439.729	12.973.138	13.518.010	12.409.533
Moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente	291.851	510.179	475.267	495.228	454.620
Torrefação e moagem de café	752.929	709.206	683.887	712.610	654.176
Fabricação de produtos à base de café	95.601	102.792	93.908	97.852	89.828
Fabricação de produtos de panificação	1.646.591	1.626.250	1.778.139	1.852.821	1.700.890
Fabricação de biscoitos e bolachas	1.595.079	1.707.683	1.416.138	1.475.616	1.354.615
Fabricação de produtos derivados do cacau, de chocolates e confeitos	1.416.745	1.583.445	1.508.783	1.572.152	1.443.235
Fabricação de massas alimentícias	1.693.906	1.607.518	1.633.710	1.702.326	1.562.735
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos (Toneladas)	1.308.636	1.197.631	1.275.327	1.328.891	1.219.922
Fabricação de especiarias, molhos, temperos e condimentos (Mil litros)	28.007	41.599	31.399	32.718	30.035
Fabricação de alimentos e pratos prontos	101.039	119.023	165.052	171.984	157.881
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Toneladas)	4.077.629	4.154.332	3.779.284	3.938.014	3.615.097
Fabricação de produtos alimentícios não especificados anteriormente (Mil litros)	454.910	507.217	527.477	549.631	504.561
<b>Total em Toneladas</b>	<b>85.781.920</b>	<b>87.628.292</b>	<b>91.567.470</b>	<b>95.413.304</b>	<b>87.589.413</b>
<b>Total em Milhares de Litros</b>	<b>15.077.332</b>	<b>15.654.072</b>	<b>15.351.154</b>	<b>15.995.902</b>	<b>14.684.238</b>

Fonte: IBGE (2022a, 2022b)<sup>2</sup>. Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) Algumas classes possuem produtos quantificados em milhares de litros, as quais são indicadas na tabela.

(2) Dados de 2017 a 2019 da PIA Produto. Dados de 2020 e 2021: Estimativas a partir dos dados da PIM-PF.

O aumento das vendas em toneladas no período (2,1%) foi um pouco maior do que o da produção, com as mesmas classes de alimentos apresentando taxas de crescimento significativas para as vendas no período: fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho (18%), moagem e fabricação de produtos de origem vegetal não especificados anteriormente (56%) e fabricação de alimentos e pratos prontos (56%).

Sobre o desempenho da indústria de alimentos e o mercado de consumo de produtos alimentícios no Brasil em 2020, EMIS (2021) destaca o impacto da pandemia da Covid-19 na dinâmica das vendas. Assim sendo, a pandemia foi o principal impulsionador do crescimento das vendas no varejo nas categorias de alimentos básicos, uma vez que os consumidores priorizaram itens domésticos essenciais. Já em 2021, com a reabertura mais perene dos estabelecimentos de serviços de alimentação, houve uma diminuição do ímpeto pelas compras no varejo. Além disso, a forte inflação que atingiu os produtos alimentícios em 2020 e, principalmente, em 2021, conforme já mencionado, além da alta taxa de desemprego e da recuperação lenta da economia, contribuíram para a queda da produção e das vendas nesse último ano.

Além das análises efetuadas acerca do comportamento da produção e das vendas da indústria de alimentos brasileira, para se entender o comportamento da demanda total, é essencial a avaliação do comércio internacional de produtos alimentícios.

Considerando-se apenas os produtos que se enquadram nas classes CNAE da indústria de alimentos que compõem o presente estudo, agregadas ao nível de grupos (3 dígitos da CNAE), observa-se certa instabilidade do comportamento das exportações no período 2017-2021, com crescimento entre 2017 e 2018, queda/estabilidade em 2019 e 2020 e retomada do crescimento em 2021. É importante destacar que alguns dos principais segmentos exportadores que compõem a indústria de alimentos (por exemplo, agroindústria da carne e do frango) não estão no escopo da presente análise. Apesar da instabilidade citada, as exportações (em US\$ mil FOB) entre os anos de 2017 e 2021 tiveram forte crescimento, de 30,5%, praticamente todo concentrado entre 2020 e 2021, conforme pode ser visto na Tabela 3.

**Tabela 3 – Exportações brasileiras de produtos alimentícios (US\$ Mil FOB): 2017-2021<sup>(1)</sup>**

Classes CNAE	2017	2018	2019	2020	2021
Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais	2.611.471	2.897.832	2.604.315	2.162.574	2.500.511
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	6.204.196	7.808.355	6.693.418	6.913.258	9.694.148
Laticínios	113.948	59.872	60.866	83.719	111.820
Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais	892.054	925.801	952.569	1.190.676	1.256.695
Torrefação e moagem de café	673.066	602.076	592.387	555.831	568.806
Fabricação de outros produtos alimentícios	1.605.448	1.391.112	1.425.683	1.438.240	1.653.007
<b>Total</b>	<b>12.100.183</b>	<b>13.685.048</b>	<b>12.329.238</b>	<b>12.344.298</b>	<b>15.784.987</b>

Fonte: FuncexData (2022). Elaboração do ETENE/BNB.  
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Ressalta-se que as exportações estão concentradas de forma relevante no grupo “fabricação de óleos vegetais e animais” (61,4% das exportações em 2021), grupo que inclui o óleo bruto de soja. Além do aumento do volume de produtos exportados, destaca-se também o comportamento do câmbio como fator explicativo para o crescimento das exportações em valores monetários. Em linhas gerais, a pandemia da Covid-19 não afetou significativamente as exportações brasileiras de alimentos, exceto em alguns segmentos específicos, em linha com o desempenho geral do setor, conforme comentado anteriormente.

No que diz respeito às importações (Tabela 4), observou-se um comportamento um pouco diferente, com maior estabilidade entre os anos: queda entre 2017 e 2020, seguida de retomada do crescimento em 2020 e 2021. Ademais, os valores envolvidos são bem menores do que aqueles das exportações, o que é esperado, em função da expertise do Brasil como grande fornecedor mundial de alimentos. Considerando o agregado das classes analisadas, o crescimento das importações chegou a 11,9% entre 2017 e 2021, bem menor do que o das exportações no período.

**Tabela 4 – Importações brasileiras de produtos alimentícios (US\$ Mil FOB): 2017-2021<sup>(1)</sup>**

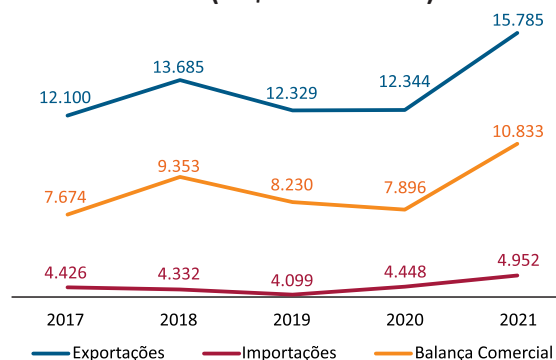
Classes CNAE	2017	2018	2019	2020	2021
Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais	913.422	861.409	876.988	821.774	853.071
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	989.281	1.024.989	868.956	1.148.622	1.501.093
Laticínios	603.771	531.897	502.362	607.313	537.958
Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alimentos para animais	903.393	867.221	893.159	968.294	1.033.545
Torrefação e moagem de café	81.479	69.149	81.708	71.129	83.152
Fabricação de outros produtos alimentícios	934.697	977.208	875.911	831.352	942.764
<b>Total</b>	<b>4.426.042</b>	<b>4.331.872</b>	<b>4.099.082</b>	<b>4.448.483</b>	<b>4.951.584</b>

Fonte: FuncexData (2022). Elaboração do ETENE/BNB.  
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Os dados mostram que a balança comercial da indústria de alimentos brasileira foi amplamente superavitária no período analisado, o que é condizente com o comentário anterior de que o Brasil é mundialmente conhecido como país fornecedor de alimentos para o resto do Mundo (**Gráfico 1**), com importante crescimento do superávit em 2021.

Com relação aos principais parceiros do Brasil no comércio exterior de produtos alimentícios, destacam-se como destino, em 2021, os Estados Unidos, a Holanda (Países Baixos), bem como países asiáticos (China, Indonésia, Tailândia, Hong Kong e Japão), o Chile e países do Oriente Médio (Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos).

**Gráfico 1 – Balança comercial da indústria de alimentos<sup>1</sup> brasileira no período 2017-2021 (US\$ milhões FOB)**



Fonte: FuncexData (2022). Elaboração do ETENE/BNB.  
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

Por outro lado, no que diz respeito às importações, destacam-se alguns países da América do Sul (Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile), que juntos são responsáveis por 37,1% do valor importado em produtos alimentícios pelo Brasil, Estados Unidos, países asiáticos (Indonésia e China) e países europeus (Portugal, Itália e Alemanha), com destaque para Portugal, que se consolidou como 5º maior exportador de produtos alimentícios para o Brasil, com participação de 5,9%.

## 2.2 Emprego e Capacidade Instalada.

Em 2020 a pandemia da Covid-19 teve forte impacto no desempenho da economia brasileira e da taxa de desemprego, que já estava elevada, o que tem reflexo na renda dos consumidores e, portanto, no consumo de bens em geral. A queda no PIB brasileiro em 2020 foi de 4,1%, e a taxa média anual de desemprego foi de 13,5%, a maior desde o início da série histórica, em 2012. Já em 2021, a taxa de desemprego caiu a partir da retomada das atividades econômicas e recuperação parcial da economia, atingindo 11,1% ao final do ano. Da mesma forma, o PIB brasileiro apresentou crescimento de 4,6% em 2021, em linha com as expectativas do mercado.

No caso da indústria de alimentos, considerando-se os grupos da CNAE especificados na introdução, no período 2017-2021, houve queda no número de empregos apenas entre 2019 e 2020, e crescimento nos demais anos. Considerando-se todo o período 2017-2021, a taxa de crescimento foi de 8,7% no Brasil e 3,3% no Nordeste.

**Tabela 5 – Evolução do emprego na indústria de alimentos<sup>1</sup> no período 2017-2021: Brasil, Nordeste e UF**

Estado	2017	2018	2019	2020	2021 <sup>2</sup>
Acre	1.105	1.075	1.100	1.000	1.145
Alagoas	6.411	6.563	6.750	6.765	6.913
Amapá	738	873	760	701	691
Amazonas	3.982	3.917	3.638	3.685	3.977
Bahia	27.979	29.254	29.416	28.035	29.166
Ceará	31.996	33.107	33.413	32.469	33.398
Distrito Federal	5.494	6.440	6.865	6.523	7.008
Espírito Santo	14.752	15.026	15.620	15.282	15.766
Goiás	39.692	40.971	42.243	42.381	43.577
Maranhão	4.230	4.559	4.599	4.506	4.742
Mato Grosso	12.412	12.752	13.719	14.713	14.983
Mato Grosso do Sul	7.617	8.257	8.454	8.945	9.390
Minas Gerais	103.900	106.403	112.736	112.645	116.573
Pará	15.779	16.184	17.694	19.549	21.327
Paraíba	9.882	10.029	10.047	9.763	10.115
Paraná	70.077	70.984	73.189	73.218	75.178
Pernambuco	30.421	30.999	30.246	28.978	29.584
Piauí	6.651	7.107	7.148	6.865	7.264
Rio de Janeiro	27.224	25.803	30.535	25.862	26.209
Rio Grande do Norte	9.788	10.138	10.261	9.656	10.017
Rio Grande do Sul	66.759	69.260	70.712	70.510	71.741
Rondônia	6.363	6.078	5.906	6.142	6.219
Roraima	567	640	874	863	1.037
Santa Catarina	43.527	45.820	49.849	49.825	51.634
São Paulo	188.690	190.796	196.952	195.293	202.125
Sergipe	7.190	7.350	5.693	7.667	7.766
Tocantins	2.684	2.809	3.069	3.308	3.449
<b>Região Nordeste</b>	<b>134.548</b>	<b>139.106</b>	<b>137.573</b>	<b>134.704</b>	<b>138.965</b>
<b>Brasil</b>	<b>745.910</b>	<b>763.194</b>	<b>791.488</b>	<b>785.149</b>	<b>810.994</b>

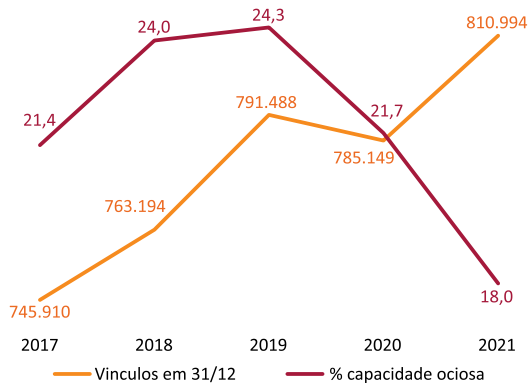
Fonte: RAIS (2022) e CAGED (2022). Elaboração do ETENE/BNB.

Notas: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

(2) Dados de 2021 estimados a partir do saldo de movimentação do CAGED.

O aumento no número de vínculos empregatícios observado no último ano (2021) teve reflexo na queda da capacidade ociosa (Gráfico 2), após haver relativo descompasso entre número de vínculos e capacidade ociosa nos anos anteriores, possivelmente relacionado com investimentos recentes em modernização e/ou aumento da capacidade.

**Gráfico 2 – Desempenho recente do número de empregos e capacidade ociosa<sup>1</sup> da indústria de alimentos brasileira: 2017 a 2021**



Fonte: RAIS (2022), CAGED (2022) e CNI (2022). Elaboração do ETENE/BNB.  
Nota: (1) A capacidade ociosa informada considera todos os grupos da CNAE que compõem a indústria de alimentos.

O índice de utilização da capacidade produtiva do setor, que variou de 75,7% (2019) a 82,0% (2021), embora esteja entre os mais elevados da indústria de transformação, poderia ser considerado um indicador de que não deverá haver grandes investimentos em ampliação da capacidade por parte das empresas do setor, apesar da queda da capacidade ociosa observada no último ano. Entretanto, como se trata de um índice que considera o agregado de todos os grupos e classes CNAE da indústria de alimentos, não permite uma avaliação mais concreta, pois os diferentes grupos são heterogêneos e comportam diferentes portes de empresas. Setores caracterizados pela dominância de empresas de menor porte (por exemplo, indústria de panificação) são mais sensíveis aos movimentos de aumento da demanda, o que tem impacto sobre a decisão de aumento da capacidade.

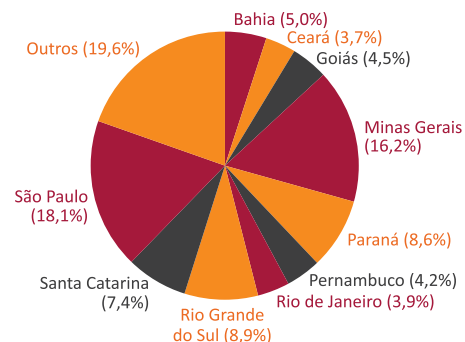
### 2.3 Distribuição Regional da Produção

A indústria de alimentos, considerando-se todos os seus grupos e classes da CNAE, constitui o setor da indústria de transformação brasileira de maior importância em termos de geração de empregos, englobando 23,8% de todos os empregos formais da indústria de transformação em 2020. Na Região Nordeste, a importância da indústria

de alimentos é ainda maior, tendo em vista que foi responsável por 28,1% dos empregos formais da indústria de transformação em 2020.

Considerando-se apenas os grupos CNAE que são objeto da presente análise, a distribuição geográfica das empresas guarda certa relação com a distribuição da população brasileira, tendo em vista que alguns setores da indústria de alimentos têm forte viés de descentralização da produção, de acordo com a distribuição do mercado consumidor. Nesse sentido, os estados mais populosos são aqueles que concentram a maior quantidade de estabelecimentos ligados à indústria de alimentos (Gráfico 3).

**Gráfico 3 – Distribuição geográfica (%) das empresas brasileiras da indústria de alimentos<sup>1</sup> em 2021<sup>2</sup>**



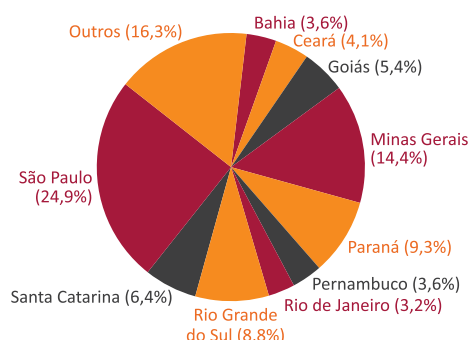
Fonte: RAIS (2022). Elaboração do ETENE/BNB.  
Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

A exceção entre os dez estados mais populosos na lista dos dez estados com maior número de estabelecimentos da indústria de alimentos é o Pará, cujo lugar na lista é ocupado pelo Estado de Goiás (12º estado mais populoso).

No caso dos empregos, a lógica é a mesma observada para o número de estabelecimentos, tendo em vista que não se observou mudança na relação dos dez estados com maior número de vínculos empregatícios (Gráfico 4). Entretanto, entre os dez estados com maior número de empregos no setor, percebe-se que em alguns estados (São Paulo, Ceará, Goiás e Paraná) há uma maior participação relativa na quantidade de vínculos empregatícios, em comparação com o número de estabelecimentos, o que sinaliza a predominância de grandes empresas do setor nesses estados. Nos demais estados, percebe-se lógica inversa, com exceção do Rio Grande do Sul, estado onde a participação relativa no número de empresas e empregos é praticamente igual.



**Gráfico 4 – Distribuição geográfica (%) dos empregos na indústria de alimentos brasileira em 2021**



Fonte: RAIS (2022). Elaboração do ETENE/BNB.

Nota: (1) Não inclui os grupos 10.1, 10.2 e 10.7 da CNAE.

(2) Dados de 2021 estimados a partir do saldo de movimentação do CAGED.

Conforme citado anteriormente, trata-se de um setor com alta relevância na indústria de transformação nordestina, sendo que a Região concentrava 20,9% dos estabelecimentos e 17,2% do emprego em 2020. O percentual de estabelecimentos maior do que o percentual de empregos, algo que ocorre também nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sul, indica que, comparativamente à Região Sudeste, há predominância de empresas de menor porte na indústria de alimentos nestas regiões, incluindo o Nordeste. Apesar dessa característica predominante, existem grandes empresas nordestinas da indústria de alimentos que possuem relevância no mercado nacional.

## 3 Perspectivas

Nos últimos anos, a indústria de alimentos tem mantido crescimento nas vendas em âmbito mundial, mas em níveis relativamente baixos. O ano de 2020 foi uma exceção a essa tendência, já que o valor das vendas globais no varejo da indústria de alimentos embalados cresceu 4,6%. Apesar da queda observada nas vendas em restaurantes, lanchonetes e similares, o crescimento no varejo foi suficiente para um bom desempenho do setor em 2020. Em 2021, o setor apresentou o mesmo crescimento do ano anterior, aproveitando as condições favoráveis à retomada das economias em todo o Mundo. Entretanto, o forte impacto da inflação nos produtos alimentícios pode ser um fator de inibição da manutenção do crescimento nesse patamar.

As perspectivas para a indústria de alimentos brasileira para 2022, do ponto de vista das empresas do setor, são positivas. A ABIA (2022b) prevê um aumento de 2% nas vendas reais, mesmo se as pressões nos custos de produção persistirem. Entre os fatores de estímulo ao consumo no presente ano estão a correção de 10,06% do salário-mínimo (que não repõe a inflação) e o processo gradual de recuperação no emprego, inclusive o formal, que contribuem para a melhoria do poder aquisitivo da população. É importante avaliar com ressalvas essas perspectivas, vis a vis o cenário atual da economia brasileira.

As empresas do setor precisam estar atentas a algumas tendências associadas aos produtos alimentícios e, conseqüentemente, deverão direcionar suas estratégias de produção e distribuição ao encontro dessas tendências. Enquanto algumas tendências já vinham se mostrando importantes, outras surgiram a partir da pandemia da Covid-19. As principais tendências dizem respeito à busca por marcas e produtos vinculados à sustentabilidade, à maior conveniência do consumo de alimentos “em casa” e o forte crescimento das compras pelo comércio eletrônico. Além disso, no que diz respeito aos tipos de produtos consumidos, o consumo de produtos veganos (à base de plantas) e de alimentos funcionais (ricos em probióticos, com ingredientes que aumentam a imunidade) vem se consolidando. A pandemia alterou um pouco a visão dos consumidores em relação aos produtos e marcas vinculadas à sustentabilidade, dando-se maior ênfase, nas preferências dos consumidores, ao pilar social da sustentabilidade, incluindo práticas como o apoio a comunidades locais e o comércio justo (*fair trade*).

Essas tendências apresentadas, que se aplicam ao mercado global de produtos alimentícios, também devem ser consideradas no mercado brasileiro e nos mercados regionais, inclusive do Nordeste, logicamente considerando-se também as particularidades locais. Com o cenário atual de alta taxa de desemprego, diminuição do poder de compra e aceleração da inflação, a busca por alimentos *premium* deve desacelerar no curto e no médio prazos, reduzindo o potencial de crescimento desse segmento. Mesmo os consumidores de maior renda têm sofrido os efeitos da inflação dos produtos alimentícios.

No Brasil, iniciativas governamentais, como a publicação do Guia Alimentar e novas regulamentações de rotulagem, provavelmente impactarão negativamente as vendas de várias categorias de alimentos nos próximos anos, como biscoitos doces, carnes processadas e lanches salgados. Em 2020, foi aprovada nova legislação pela Anvisa que prevê mudanças na rotulagem nutricional de alimentos embalados. As principais mudanças incluem (ANVISA, 2020):

- a) Rotulagem nutricional frontal: a rotulagem nutricional frontal é um símbolo informativo na parte da frente do produto. A ideia é esclarecer o consumidor, de forma clara e simples, sobre o alto conteúdo de nutrientes que têm relevância para a saúde, como, por exemplo, açúcar, gordura saturada, sal e sódio.
- b) Tabela de informação nutricional: já conhecida pelos consumidores brasileiros, a Tabela de Informação Nutricional passará por mudanças significativas. A primeira delas é que a tabela passa a ter apenas letras pretas e fundo branco. Outra alteração será nas informações disponibilizadas na tabela. Passará a ser obrigatória a identificação de açúcares totais e adicionais, a declaração do valor energético e nutricional por 100 g ou 100 ml, para ajudar na comparação de produtos, e o número de porções por embalagem.
- c) Alegações: foram propostas ainda alterações nas regras atuais para a declaração das alegações nutricionais, com o objetivo de evitar contradições com a rotulagem nutricional frontal.

A nova norma foi publicada no Diário Oficial da União em outubro/2020, com prazo de entrada em vigor após 24 meses, logo, em outubro/2022. Algumas categorias de produtos terão um prazo adicional de adequação, que varia de 12 a 36 meses da entrada em vigor.

Como os lanches salgados são ricos em sal e gordura, prevê-se que a nova legislação terá um impacto maior nesta categoria do que em outras. Com isso, espera-se uma reação das empresas, principalmente fabricantes de lanches salgados, no sentido de adaptar suas fórmulas para conter teores mais baixos desses ingredientes (EMIS, 2021).

Em linhas gerais, entende-se que a indústria de alimentos constitui um dos setores da indústria de transformação que mais necessitam de descentralização da produção, tendo em vista a perecibilidade dos insumos utilizados. Nesse sentido, as necessidades de investimentos e, conseqüentemente, de financiamentos, devem ser analisadas a partir do conhecimento da demanda local. Logo, vislumbra-se a necessidade de investimentos para a oferta de produtos alimentícios industrializados em estados que são mais isolados geograficamente em relação aos demais e possuem menor oferta desses produtos, tais como o Piauí e o Maranhão. Ademais, investimentos para a fabricação de produtos que atenderão a nichos específicos de mercado, e que estejam alinhados às tendências do mercado consumidor de produtos alimentícios, conforme supracitado, bem como às adaptações necessárias ao alinhamento dos produtos e processos às novas normas regulatórias que entram em vigor em 2022, também são perfeitamente cabíveis.

## Referências

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA. Anvisa aprova norma sobre rotulagem nutricional. Publicado em 07 Out. 2020. Disponível em <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2020/aprovada-norma-sobre-rotulagem-nutricional> Acesso em 12 Mai. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS - ABIA. **Evolução da Indústria de Alimentos**. Disponível em <https://www.abia.org.br/downloads/numeros-producao-ABIA2021.pdf> Acesso em 05 Mai. 2022a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTOS - ABIA. **Coletiva de imprensa da ABIA divulga indicadores do setor**. Disponível em <https://abia.org.br/noticias/abia-anuncia-resultados-do-setor-em-2020-em-coletiva-de-imprensa> Acesso em 06 Mai. 2022b.

CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. Disponível em <http://pdet.mte.gov.br/novo-caged> Acesso em 04 Abr. 2022.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA – CNI. **Indicadores industriais**. Disponível em <http://www.portaldaindustria.com.br/estatisticas/indicadores-industriais/> Acesso em 10 Mai. 2022.

EMIS. **Brazil Food and Beverage Sector 2021/2022**. Disponível em <https://www.emis.com> Acesso em 30 Mar. 2021 (Acesso Restrito).

FUNCEXDATA. **Estatísticas de comércio exterior**. Disponível em <http://www.funcexdata.com.br/busca.asp> Acesso em 10 Mai. 2022 (Acesso Restrito).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa industrial anual – PIA Produto**. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pia-produto/tabelas/brasil/2017> Acesso em 01 Abr. 2022a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa industrial mensal Pessoa Física – PIM-PF**. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3650> Acesso em 29 Mar. 2022b.

RAIS - **Relação anual de informações sociais**. Disponível em <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php> Acesso em 04 Abr. 2022.

**Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:**

**<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>**

**Conheça outras publicações do ETENE**

**<https://www.bnb.gov.br/etene>**